

A CARTA ESCRITA EM 27 DE AGOSTO DE 1832

Tradução livre e revisão por Silvio Aloysio Rockenbach

Da Colônia Alemã de São Leopoldo, não muito distante da cidade de Porto Alegre, na província do Rio Grande do Sul, no país imperial do Brasil, escrita em 27 de agosto de 1832.

Ao meu cunhado Mathias Rockenbach em Pünderich, inclusive à sua esposa e cinco filhos adotivos, de Mathias Franzen, de Pünderich

Caríssimo Cunhado,

Se a Santíssima Trindade nos tem mantido, à minha mulher Susanna Ma, seus muito queridos parentes e nossos amigos, todos de casa, e continua mantendo até ao fim da vida com boa saúde, bem-estar, felicidade, paz, alegria, concórdia e satisfação; se a santíssima e dulcíssima Virgem e Mãe de Deus, vosso Santo Anjo da Guarda e Padroeiro continuamente vos tem protegido e abençoado, então eu e minha mulher com nossos seis filhos nos alegraríamos por isso e agradecemos, louvamos e bendizemos a Divina Providência.

No que se refere a nós, comunicamo-lhes que o Deus misericordioso nos conduziu com saúde e felicidade nesta terra distante, estranha, imensa e selvagem, onde, graças a Deus, nada nos falta, do necessário à vida, alimentação e necessidades básicas. Após uma viagem de quatro semanas por terra, chegamos a Bremen no dia 21 de junho de 1828, depois de uma permanência de 13 semanas em Bremen. Em 12 de setembro subimos com um barco pelo rio Weser acima e alcançamos o grande navio Olbers, no Porto de Bremen. Embarcamos no mesmo, ficamos mais 14 dias no porto quando, afinal, saímos em direção ao Mar do Norte, em 26 de setembro de 1828; daí rumamos felizes e com saúde pelo Oceano Atlântico, fizemos uma viagem difícil sim, mas não perigosa. Nenhum de nós adoeceu, mas, de 800 passageiros que estavam a bordo, morreram 47 adultos e crianças, que foram sepultados no Oceano. No dia 17 de dezembro de 1828 chegamos ao Rio de Janeiro, a primeira cidade no Brasil. Até aí havíamos deixado para trás 3.400 horas desde Bremen. Na Armação, no Rio de Janeiro, tivemos que ficar por sete semanas. Um pequeno barco português nos levou novamente para dentro do mar e, em sete dias, chegamos diante da cidade de Rio Grande e daí, noutros cinco dias, aportamos em Porto Alegre, no dia 10 de março de 1829 com alegria e com boa saúde, nesta província povoada por mais de 15 mil alemães, e por primeira vez pisamos o abençoado solo da cidade de São Leopoldo, recém construída pelos imigrantes alemães, onde ficamos somente dois dias, seguindo daí para a casa de um colono alemão no campo, ou área de terras sem matas, e cuja colônia fazia divisa fixa com a imensa mata virgem.

Moramos ali durante 10 meses. Nesse tempo, eu e minha filha Katharina estivemos 13 semanas acamados com febre; mas minha esposa e Peter Joseph e meus outros filhos Bárbara, Christina, Anna, Maria e Johannes estiveram sempre bem dispostos e com saúde. Depois que Deus Nosso Senhor me ajudou para que pudesse levantar-me de novo, muitas vezes viajei com meu filho mais velho até a minha colônia, duas horas mata virgem adentro, para derrubar mato, queimar e plantar. No dia do Ano Novo de 1830 mudamo-nos para a nova colônia, após termos levantado ali uma cabana provisória. Mas há um ano construí

uma boa casa, com 18 pés (5,4 m) de largura e 26 pés (7,8 m) de comprimento, com cobertura de palha de taquaras, as paredes feitas com barro e com tampos. Janelas envidraçadas são raras e o vidro é muito caro e também, com o clima agradável, na maior parte do tempo, tornam-se desnecessárias.

A nossa colônia, cuja estrada vai por um rio (Cadeia), situa-se em frente da Picada do Rio Cadeia (atualmente linha Hortêncio) e tem o no 3. Nessa estrada do mato existem, numa linha 110 colônias, 55 do lado direito, 55 do esquerdo. Minha colônia mede 100 varas (braças) de largura (220 m) por 1800 de comprimento (3.900 m). É toda coberta de mato, a maior parte é terra plana composta de terra excelente, onde crescem e medram todas as frutas, mesmo sem adubação.

Nos primeiros tempos, aquilo que necessitávamos para sobreviver tinha que ser transportado a cavalo por caminhos penosos, atravessando matos. Graças aos subsídios recebidos per capita (Kopfgeld) durante um ano, ou seja, 40 táleres por mês e, durante um quarto de ano, 20 táleres, foi-nos possível adquirir os meios de sobrevivência e também comprar animais. Mas muito mais possuiríamos, juntamente com o que eu ganhava com minha profissão de sapateiro, se não nos tivessem cancelado nove meses dos mencionados subsídios e os demais que os primeiros colonos ainda receberam.

Nesses dois anos e oito meses, desde que estamos na nossa colônia, com boa saúde, comprei duas vacas com terneiros, dois cavalos de sela, vinte porcos, e temos mais de 100 galinhas, também dois cães de caça.

Todas as semanas fazemos dinheiro com a manteiga, que vale 13 Groschen de prata (Silbergroschen) o meio quilo (Pfund); com as galinhas, das quais cada uma vale 13 Groschen de prata, e com os ovos, cujo quarto (de dúzia) custa 10 Groschen. Não nos é possível consumir todas as frutas que com tanta fartura crescem aqui. Vendemos também feijão; pelo branco, recebemos oito francos (Franken) por meio moio (Malter), pelo preto, seis francos; pelo milho (Welschkorn), 20 francos; pelo arroz beneficiado, 16 francos; pelo arroz com casca, 10 francos; pelo centeio (Deutsches Korn) paga-se 20 francos por meio moio. Pelas batatas, que se colhem duas vezes por ano, paga-se por meio moio, só três francos; semeia-se e planta-se batatas três vezes por ano, no dia de São João, no mês de setembro e pela festa do Natal. Cultivei, este ano, 150 quilos de tabaco, que renderam cinco Silbergroschen por meio quilo. Ele aqui é melhor e mais gostoso que na Alemanha. Eu gostaria de remeter uma boa partida do meu tabaco para os meus companheiros de casa. Melhor ainda se eles mesmos viessem para cá, então poderíamos fumar à vontade.

Crescem aqui todas as plantas de campo e de jardim que existem na Alemanha, menos as frutas tipicamente alemãs, mas só por faltarem ainda as respectivas sementes. As frutas tropicais que aqui se produzem são: laranjas, bananas, pêssegos, figos, toranjas, limas, limões, abacaxis, melancias e melões. Também dá muita cana-de-açúcar, uvas, mas são muito prejudicadas pelas formigas que as devoram juntamente com as folhas. Cultivamos cânhamo e linho, que colhemos duas vezes por ano. Algodão e árvores oleaginosas existem com fartura. A mandioca, isto é, uma raiz que dá farinha, é um alimento básico e cresce em abundância. A raiz mansa dessa espécie, o aipim, tem um sabor mais agradável do que a batata inglesa. A mandioca, a brava, é moída em moinhos até tornar-se farinha fina que se conserva muito tempo e que é usada pelos portugueses em lugar de pão; é incluída também em muitas comidas e exportada para o além-mar. As batatas da terra são doces e saborosas. As abóboras têm forma de garrafões; as melhores delas têm gosto de cenoura; a maior parte serve como alimento para animais; das suas sementes fabricamos

óleo para cozinhar, que é tão bom que a garrafa é paga a dois francos. Nas árvores das matas encontra-se muito mel silvestre e, resumindo, posso dizer que existem tantas frutas alimentícias e saborosas que precisaria mais duas folhas de papel para descrevê-las. O solo do mato é tão generoso que não é preciso volvê-lo com o arado, basta revirá-lo levemente com a enxada e eliminar o inço e os galhos.

Quanto ao pão, só comemos o branco. Moemos a farinha em nosso próprio moinho. Existem aqui moinhos movidos à água e a vento, moinhos para óleo e farinha para serrar e aplinar madeiras. O forno para fazer nosso pão fica do lado da casa. A farinha ainda não pode ser ensacada porque, até agora, não existe pano para sacos. Com minha profissão (sapateiro), que exerço muito, ganho bastante dinheiro. Um par de botas custa 24 francos, um par de sapatos, 10 francos; o couro não é tão caro como na Alemanha. Existem aqui já 12 diversos curtumes alemães. Uma pele de couro cru custa 12 francos, o couro curtido, 32 francos. O dinheiro é muito raro e ainda não tem valor. A caça é livre; há animais diversos. Guarda-bosques não existem e também não são necessários. Aqui há leões (!), tigres, gatos monteses, veados, cervos, tamanduás, antas, tatus, cotias, macacos, javalis, etc. Nenhum animal selvagem é perigoso para o homem. Há pássaros muito bonitos como tucanos, avestruzes, cegonhas, galinhas, papagaios, que comem muito milho, colibris, e muitos outros. Nenhum pássaro parece- -se com espécies alemãs.

Entre os insetos nocivos distinguem- se, além das formigas – que já muitas vezes têm tirado as pessoas para fora da cama durante a noite -, os bichos-de- -pé, que penetram nos pés das pessoas e que podem tornar-se muito perigosos. As cobras não são tão bravas como se pensa, não pisando nelas, não mordem.

Nesta província reina o clima mais saudável. Não é quente demais nem frio demais. O ar é puro, a água, doce e saborosa. Raramente há neve e, quando cai, logo é derretida pelo sol. Ultimamente, em duas noites, 19 e 20 deste mês (agosto de 1832), geou da grossura da lâmina de uma faca de pão. No mais, verdeja e floresce tudo sem cessar. Os animais sempre têm alimento. A natureza está constantemente em evolução. Em junho, julho e agosto, chove com frequência; são os meses de inverno. O calor é bem suportável; não é tão forte, como se julga na Alemanha, motivo por que aqui o café dá pouco ou nada. Só raramente ouve-se falar de doenças, de mortes ou de pestes nos animais. Os temporais, fortes, mas inofensivos, limpam e refrescam o ar. As árvores e a grama estão sempre verdes; nenhuma folha parece-se com as alemãs. No mato encontram- se as madeiras adequadas para móveis e para construção, os tipos mais nobres, que na Alemanha custam muito dinheiro. Temos cedro, louro, canjerana e a palmeira legítima, da qualidade da que se utilizavam os ramos para atapetar o chão, no dia da entrada de Jesus Cristo em Jerusalém.

Taxas e impostos são totalmente desconhecidos por nós. Por dez anos estamos livres deles, depois desse prazo, pouco ou nada nos será exigido. Por isso, os cobradores e oficiais de justiça aqui, graças a Deus, não mandam. A profissão de açougueiro não tem procura, pois cada um abate o seu gado para o próprio consumo. Comemos carne todos os dias. Assim que um porco é consumido, abatemos logo outro, o que estiver mais gordo no momento. A subsistência nós a temos em abundância. Oxalá tivéssemos aqui todas aquelas pessoas que lá em casa partilhavam conosco as suas coisas, como sejam: Mathias Barzen, Anton Baum, Kaspar Thielmann, Friedrich Dahm, Peter Dahm e Anton Hahn e tantos outros, eu teria pão bastante para que todos pudessem fartar-se.

Estaríamos completamente contentes e felizes, se não houvesse um grande mal: os selvagens que, já há tempo, tornaram a mata insegura e que já roubaram a vida de 21 conterrâneos alemães. Esses selvagens, originários da Índia, eram aqui os aborígenes, antes de os portugueses tomarem posse desta terra. Depois foram empurrados para a mata virgem, onde poderiam muito bem se alimentar das ricas caças, frutas e vegetações, se não tivessem que saciar seus instintos sanguinários e de rapina. Furtam principalmente utensílios de ferro. O estampido das armas os assusta muito e os faz fugir. Ainda no dia 16 de abril deste ano (1832), a quatro horas daqui (Rosenthal), assassinaram 11 pessoas, adultos e pequenos, entre os quais Gaspar Göllner, de Bertlich, com sua mulher e três filhos menores; só restaram dois filhos deste homem infeliz, agora órfãos de pai e mãe. Depois desses acontecimentos, os alemães mudaram-se das colônias dos fundos e construíram suas casas, uma ao lado da outra, no meio desta picada e também na minha vizinhança. Assim não corremos mais grande perigo, e Deus, o Senhor, nosso único socorro, queira nos proteger com Sua Misericórdia contra os selvagens, mas temos que estar sempre vigilantes como soldados de prontidão perante o inimigo.

Uma coisa que nos falta e que é a mais importante, não temos nenhuma celebração cristã regular em alemão. Tivéssemos nós igrejas e escolas alemãs aqui, que satisfeitos, felizes e contentes poderíamos estar! De padres estrangeiros e igrejas portuguesas e capelas, o país está cheio, mas não temos padres alemães nem professores verdadeiros. Os cultos são celebrados muito longe daqui: até São Leopoldo são sete horas. A confissão é feita por nós a um Padre português que não sabe alemão. Infelizmente, vamos raramente à missa. O caminho, especialmente com o tempo chuvoso, é muito difícil de transitar por causa das águas. Pedimos, por isso, encarecidamente, aos nossos bem-amados parentes e amigos de nossa Pátria, que rezem aos domingos na santa missa e em casa e nos incluam em suas orações, como nós aqui, tanto na missa como na oração de casa, nunca os esqueçamos, estando sempre em amor e súplicas a Deus.

Escolas regulares como na Alemanha não existem aqui e as que existem ficam distantes demais para que possamos mandar nossos filhos. Isso nos obriga a instruí-los em casa, da melhor maneira possível. Meu filho Peter Joseph já viajou por toda esta terra, e por isso domina bem a língua portuguesa. Aqui existem muitos portugueses, dos quais a maior parte não sabe o número de gado vacum e cavalar que tem no campo. Na cidade e nos campos há muitos negros e mestiços escravos, que são criados e serviçais dos estrangeiros ricos. Mas chega de falar da terra brasileira. Pra descrever tudo seria preciso um livro inteiro. Agora quero informar ainda aos meus patrícios: que Christoph Walter, de Briedel, Mathias Burg, de Burg, e seu genro Daniel Rockenbach, e Joh. Stephan Fritzen moram a uma hora longe de mim, gozam de perfeita saúde e prosperidade, com mulher e filhos. Meus vizinhos mais próximos são Jacob Tatsch, de Reversbeuren, e Michael Junges, natural de Saarlouis. Minha filha mais velha casou com Jacob Kuhn, de Albershausen, perto de Ungkirchen, vive já há dois anos em feliz matrimônio e tem a sua colônia a um quarto de hora daqui.

Estamos ansiosos por saber e ouvir, pai e mãe aflitos, como vai nossa amada filha do coração, Gertrud. Pudéssemos tê-la conosco, pudéssemos vê-la só uma vez! Esperamos que ela esteja com saúde e bem disposta, como quando ainda nos encontrávamos todos juntos. Deus a abençoe e permita que ela sempre vá bem! Muitas e as mais amistosas saudações ao Reverendíssimo Sr. Padre Jacobus Theers, em Pünderich. Pedimos com humildade que o mesmo, no santo sacrifício da missa, nos queira incluir e nos tenha presentes afetuosamente.

Saúdo enfaticamente meu amigo Nicolaus Schmitz, sua esposa e filhos, Egidius Heyz com sua mãe e seu filho, Kaspar Kalfels com esposa e filhos; ainda saúdo afetosamente todos os amigos e conhecidos. Da mesma forma, minha mulher, Susanna Franzen, nascida Mass, saúda seus irmãos e suas irmãs no Alf e todos os seus conhecidos. Outrossim queremos saudar, instantemente, ao professor Joseph Holden!

A todos abençoo, congratulo e desejo em constante prosperidade, onde andem e onde estejam. Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, que é louvado por todos nós, dirija-os segundo a Sua vontade, dê-lhes toda felicidade da vida, e que se lembrem de nós com frequência.

Querido cunhado, muito lhe pedimos que me escreva tão breve quanto possível. Com saudade, ansiosamente aguardamos uma carta sua para, finalmente, saber de uma vez como vão indo todos os queridos lá em casa. Já duas vezes escrevemos a vocês, mas infelizmente ficamos até agora sem resposta. Por isso, peço ainda uma vez, encarecidamente, escrevam-me logo, comuniquem-me muitas novidades da guerra, peste, pragas ou paz e como está agora a Alemanha, pois jornais não recebemos na mata virgem. Por cartas recebidas (por outros), sabemos que a situação continua difícil na Alemanha. Do nosso Imperador, já há muito tempo ausente da Alemanha, também nada sabemos. Por isto. Peço, com todo o empenho, que mandem cartas com urgência, para nos inteirarmos das muitas novidades e notícias daí.

Escrevam o endereço assim: Ao colono Mathias Franzen, na Picada Rio Cadeia, ou Bernardino Schneitze, n.º 3, na Colônia de São Leopoldo, perto da cidade de Porto Alegre, na Província do Rio Grande do Sul, no Brasil. Mandem a carta por posta franca até Hamburgo, envolvida numa cinta com o endereço de Sua Excelência o Cônsul Geral do Reino da Prússia, Barão Carl Wilhelm von Therenin, no Rio de Janeiro, para que gentilmente a faça chegar até nós. Assim feito, resta-me a mim, a minha esposa e a meus filhos a esperança de receber uma carta de vocês.

Meu filho Peter Joseph manda muitas lembranças a Johann Kalfels e aos irmãos Franz Gippert e Maternis Gippert e deseja-lhes, afetosamente, prosperidade. Também a vós, muito querido cunhado Mathias Rockenbach, além de vossa querida esposa e filhos, desejamos a melhor prosperidade. Adeus, vivam muito bem, vivam sempre e eternamente bem! A Santíssima Trindade seja vossa proteção e vosso socorro para todo o sempre! A Santíssima Virgem, a pura, seja vosso consolo, ajuda, força e bálsamo! Em vida e na morte, sim, até no túmulo, sou aquele que nunca vos tem esquecido, vosso fiel cunhado. Pelas lágrimas, tenho que terminar e, por isso, eu vos saúdo a todos, milhares de vezes. Lembrem-se de mim em vossos corações e representem-me em meu lugar na igreja. Adeus, em constante paz, nunca um mal vos atinja. Eu sou vosso cunhado que vos quer de todo o coração,

Mathias Franzen